



AS OBRAS DE PAULO FREIRE E O DEBATE SOBRE GÊNERO E RAÇA: APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO

Jaqueline Aparecida Barbosa¹

Resumo: Neste artigo discuto as aproximações possíveis entre a obra de Paulo Freire e as temáticas de gênero e raça, inspirada principalmente pelo texto de bell hooks sobre a influência do educador brasileiro em sua vida pessoal e profissional. Partindo da leitura de alguns livros de Paulo Freire discuto a linguagem sexista em sua obra, as manifestações do autor sobre os movimentos sociais de gênero e raça e o papel desempenhado por eles e, por fim, realizo uma breve apresentação do capítulo dedicado ao educador brasileiro no livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (1994), de bell hooks. Este artigo foi escrito no intuito de se constituir como um esforço analítico que pretende colaborar para a ampliação no campo de análise da produção acadêmica de Paulo Freire, reconhecendo seu compromisso com uma educação libertadora que alcance realmente a todos e todas.

Palavras-chave: Paulo Freire; Bell Hooks; gênero; raça.

PAULO FREIRE'S WORKD AND THE DEBATE ON GENDER AND RACE: APPROACHES AND POSSIBILITIES OF DIALOGUE

Abstract: In this article, I discuss the possible approximations between Paulo Freire's work and the themes of gender and race, inspired mainly by the text of bell hooks on the influence of the Brazilian educator in her personal and professional life. Starting from the reading of some books of Paulo Freire, I discuss the sexist language in his work, the author's manifestations about the social movements of gender and race, and the role played by them. Finally, I make a brief presentation of the chapter dedicated to the Brazilian educator in the book "Teaching to transgress: education as practice of freedom" (1994), of bell hooks. I write this article in order to constitute itself as an analytical effort that intends to collaborate for the expansion of the field of analysis of Paulo Freire's academic production, recognizing his commitment to a liberating education that really reaches everyone.

Keywords: Paulo Freire; Bell hooks; gender; race.

LAS OBRAS DE PAULO FREIRE Y EL DEBATE SOBRE GÉNERO Y RAZA: APROXIMACIONES Y POSIBILIDADES DE DIÁLOGO

Resumen: En este artículo discuto las aproximaciones posibles entre la obra de Paulo Freire y las temáticas de género y raza, inspirada principalmente en el texto de bell hooks sobre la influencia del educador brasileño en su vida personal y profesional. Empezando por la lectura de algunos libros de Paulo Freire discuto el lenguaje sexista en su obra, las manifestaciones del autor sobre los movimientos sociales de género y raza y el rol desempeñado por ellos y, por fin, realizo una breve presentación del capítulo dedicado al educador brasileño en el libro “Enseñando a transgredir: la educación como práctica de libertad” (1994), de bell hooks. Este artículo fue escrito en el intuito de constituirse como un esfuerzo analítico que pretende colaborar para la ampliación del campo de análisis de la producción académica de Paulo Freire,

¹ Professora dos anos iniciais na Secretaria de Educação do Distrito Federal, mestra em educação pela FE-UFG, especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela FE-UnB e pedagoga pela FEUSP. E-mail: jaq.usp@gmail.com

reconociendo su compromiso con una educación libertadora que llegue realmente a todos y todas.

Palabras-clave: Paulo Freire; Bell Hooks; género; raza

LES ŒUVRES DE PAULO FREIRE ET LE DEBAT SUR LE GENRE ET RACE: APPROCHES ET POSSIBILITES DE DIALOGUE

Résumé: Dans cet article, nous examinons les liens possibles entre le œuvre de Paulo Freire et les thèmes de genre et de race, principalement inspirée par le texte de bell hooks sur l'influence de l'éducateur brésilien dans sa vie personnelle et professionnelle. En partant de la lecture de aucuns livres de Paulo Freire, je discute la langage sexiste dans son travail, les manifestation d'auteur sur les mouvements sociaux de sexe et de race et le rôle joué par eux et, enfin, réaliser une brève présentation du chapitre consacré à l'éducateur brésilien dans le livre "Enseigner à transgresser: l'éducation comme pratique de la liberté" (1994), bell hooks. Cet article a été écrit dans le but de se constituer en un effort analytique qui vise à contribuer à l'expansion dans le domaine de l'analyse de la production académique de Paulo Freire, reconnaissant son engagement envers l'éducation libératrice qui atteignent vraiment tout et tout.

Mots-clés: Paulo Freire; Bell Hooks; le sexe; race.

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita sobre Paulo Freire se constituem como tarefas ao mesmo tempo prazerosas e desafiadoras. Prazerosas por renovarem a crença na educação libertadora e pelo exemplo de vida engajada e dedicada a uma causa tão nobre quanto a educação. Mas também apresentam seus desafios, pois sua obra provoca os/as leitores/as a sair de uma cômoda posição de admiradores/as de sua proposta e partir para a prática emancipatória.

Este artigo foi escrito como trabalho final de uma disciplina sobre Paulo Freire cursada durante o mestrado. O tema surgiu numa tentativa de aproximação entre os conhecimentos teóricos sobre Paulo Freire adquiridos ao longo da disciplina e o tema de minha pesquisa proposta para a escrita da dissertação de mestrado, que se alinha aos estudos de gênero. O incômodo trazido pela leitura das primeiras obras de Freire, inteiramente perpassada por uma linguagem sexista que se refere sempre ao *homem*, quando poderia se referir ao *ser humano*, que parece não reconhecer que a especificidade da condição feminina traz singularidades com relação à opressão social, se constituiu como a fagulha que, mais tarde, se materializou neste artigo.

Sendo coerente com o tema abordado, na redação deste artigo tentarei escapar das "armadilhas" da língua com algumas ações simples, mas importantes para uma escrita que se pretende não-sexista. Na primeira vez que me referir aos autores e às



autoras cujas pesquisas embasam este trabalho, citarei o nome completo do pesquisador ou da pesquisadora, pois apenas o sobrenome não permite que saibamos o gênero de quem escreve. Depois da primeira citação, utilizarei apenas o sobrenome do/a autor/a. Além disso, quando a estrutura da frase permitir, farei uso dos termos no masculino e no feminino e, nos demais casos, empregarei “o/a”.

Proponho uma análise das aproximações possíveis entre a obra de Paulo Freire e a discussão sobre gênero e raça, contando com um olhar interseccional² proporcionado pelo diálogo com o texto escrito por Bell Hooks³ sobre a influência do educador brasileiro em sua vida pessoal e profissional. Como demonstraremos a seguir, na obra de Paulo Freire podemos vislumbrar uma tentativa, bastante tímida, de olhar interseccional para os problemas sociais. Neste sentido, Bell Hooks é quem melhor consegue sintetizar o papel da obra de Freire no empoderamento de oprimidos/as, em geral, e dela enquanto mulher negra, especificamente.

É importante ressaltar que Paulo Freire não se debruçou alongadamente sobre as opressões de gênero e raça, ainda que tenha mencionado os temas em alguns escritos, especificamente nos do pós-exílio. Assim sendo, a presente análise não pretende esgarçar as tramas da produção de Paulo Freire para forçar uma relação entre sua escrita e o tema proposto. Ao contrário, a partir da leitura de suas obras, trago para a discussão trechos nos quais Freire foi mais explícito com relação às mulheres, ao racismo e ao papel dos movimentos sociais.

Levando tudo isso em consideração, início o texto com uma discussão específica sobre a linguagem sexista na obra de Paulo Freire e, em seguida, debato as manifestações deste autor sobre os movimentos sociais e o papel desempenhado por eles. Por fim, realizo uma breve apresentação de Bell Hooks e comento o capítulo do livro que ela dedica ao educador brasileiro.

² Utilizo aqui a noção de interseccionalidade sistematizada por Crenshaw (2002, p. 117): “[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”.

³ Este é o pseudônimo de Gloria Watkins, adotado como uma homenagem à sua bisavó, numa reverência às suas ascendentes femininas. Ela prefere que bell hooks seja grafado dessa forma, com todas as letras minúsculas, para que o foco esteja na homenagem e não em si mesma.



PAULO FREIRE E A LINGUAGEM SEXISTA

Ao tratar deste assunto precisamos entender, primeiramente, o que estou chamando de linguagem sexista. Compreendo que a discussão deste tema está pautada na percepção da característica presente em várias línguas, que são baseadas na construção que outorga ao masculino o universal, o uso genérico, e reserva ao feminino o específico, aquilo que é singular. O livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, sintetiza essa ideia pois, como o próprio título sugere, a mulher representaria por seu sexo, em nossas sociedades, um papel secundário, caracterizado sempre na comparação com o parâmetro masculino. Essa distinção pode ser verificada na língua que falamos, uma vez que essa diferenciação também existe na língua portuguesa. Quando utilizamos a palavra *homem* no lugar de *ser humano/humanidade* ou nos referimos às profissões sempre no masculino genérico, por exemplo, estamos adotando uma postura política de invisibilização do papel desempenhado pelas mulheres em sociedade. Sobre este assunto, Claudia Vianna e Sandra Unbehaun afirmam:

Sabemos que, em nossa sociedade, o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação tem no masculino genérico a forma utilizada para expressar idéias, sentimentos e referências a outras pessoas. Contudo, essa utilização nunca é neutra. A linguagem como sistema de significação é, ela própria, expressão da cultura e das relações sociais de um determinado momento histórico. (Vianna; Unbehaun, 2004, p. 90)

As autoras caracterizam a língua como expressão de culturas e, portanto, marcada pelas relações estabelecidas historicamente no interior das sociedades. Paulo Freire, depois de confrontado pelas feministas norte-americanas sobre este aspecto de suas obras, nos brinda com uma sensata exposição sobre a relação entre a realidade social e a necessidade de que a prática progressista e democrática acompanhe esta modificação na linguagem:

Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. *Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória.* É claro que a superação do discurso machista, como a superação de qualquer discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajarmos em práticas também democráticas. O que não é possível é simplesmente fazer o discurso



democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial. (Freire, 2005, p. 68, grifos nossos)

Após este preâmbulo posso me debruçar sobre a reação de Paulo Freire ao ser confrontado sobre a linguagem sexista de suas primeiras obras. No livro “Pedagogia da Esperança” o autor, ao responder às críticas recebidas por causa de seus primeiros escritos, nos revela como tomou consciência de que os termos escolhidos inicialmente constituíam o que estou chamando de linguagem sexista:

De modo geral, comentando o livro, o que lhes parecia positivo nele e a contribuição que lhes trazia à sua luta, [as mulheres norte-americanas] falavam, invariavelmente, do que consideravam em mim uma grande contradição. *É que, diziam elas, com suas palavras, discutindo a opressão, a libertação, criticando, com justa indignação, as estruturas opressoras, eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres.* Me lembro como se fosse agora que estivesse lendo as duas ou três primeiras cartas que recebi, de como, condicionado pela ideologia autoritária, machista, reagi. [...] ao ler as primeiras críticas que me chegavam, ainda me disse ou me repeti o ensinado na minha meninice: “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “Quando falo homem, a mulher está incluída”. (Freire, 2007, p. 67, grifos nossos)

Percebemos que o período de exílio se tornou para Paulo Freire um momento importante no processo de aprendizagem e de reflexão sobre suas próprias práticas, postura condizente com seu discurso de que a conscientização não tem um começo e um fim, mas se constitui como processo. Ele relata, no trecho citado, o processo de reflexão sobre a crítica recebida, mostrando os passos de seus pensamentos sobre o tema e como chegou à conclusão de que este seria um ponto a ser revisto em suas obras, como de fato o fez. Tal posicionamento revela que o autor não se deixa levar pelo primeiro impulso, de justificar que quando diz “homem” automaticamente se inclui a mulher. Este ato vai ao encontro de sua tese da consciência de incompletude do ser humano e da necessidade de abertura para uma aprendizagem contínua, exigência da própria vida:

[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o suporte em que os outros animais continuam, em mundo. (Freire, 1998, p. 39)



Neste trecho, retirado da “Pedagogia da Autonomia”, Freire explana sobre a incompletude que marca os seres humanos e constata que a existência humana se diferencia da animal pela transformação do suporte em mundo, que ocorre devido à consciência de nossa incompletude. Temos também, neste excerto, um exemplo da superação da linguagem sexista com a materialização do aprendizado obtido sobre a importância de que a mudança que buscamos no mundo alcance também a linguagem, como podemos notar no último parágrafo da citação, no qual cita homens e mulheres.

FREIRE E A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Foco, agora, na questão do entendimento de Freire sobre os movimentos sociais. Em diversas passagens, ao longo de sua obra, ele se posicionou sobre o papel destes movimentos, com destaque para os movimentos negros e os de mulheres. Excertos de “Medo e Ousadia” (1987), “Pedagogia da Esperança” (1992), “Cartas à Cristina” (1994), “À sombra desta mangueira” (1995) e “Pedagogia da Autonomia” (1997)⁴ nos revelam o posicionamento do autor com relação, principalmente, à importância das lutas desses movimentos.

Algumas passagens das obras citadas acima expressam a posição do educador sobre o preconceito e a discriminação de gênero, raça e classe, no geral. No livro “Pedagogia da Autonomia”, ele nos oferece uma síntese de seu posicionamento radical de rejeição a todo tipo de discriminação: “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (Freire, 1998, p. 39-40). Em “Medo e Ousadia” Freire diz que:

Não digo que o racismo e o sexismo possam ser reduzidos à luta de classes. Mas o que quero dizer é que não acredito na possibilidade de superar o racismo e o sexismo num modo de produção capitalista, numa sociedade burguesa. Não obstante, isso não significa que o racismo e o sexismo serão superados mecanicamente numa sociedade socialista. [...] Devemos evitar que nos interpretem como se estivéssemos pensando que deveríamos *primeiro* educar as pessoas para serem livres, para *depois* podermos transformar a sociedade. Não. Devemos, o quanto possível, fazer as duas coisas simultaneamente. Por isso, devemos estar engajados na ação política contra o racismo, contra o sexismo,

⁴ Os anos mencionados entre parênteses neste parágrafo correspondem à publicação da primeira edição destes livros e não à edição deles utilizada neste trabalho.



contra o capitalismo, e contra as estruturas desumanas de produção. (Freire; Shor, 2000, p. 199, grifado no original)

O autor destaca, neste trecho, que são opressões importantes as de gênero e raça e que elas não serão superadas automaticamente com a transformação revolucionária. Toca, ainda, na questão do engajamento na ação política contra toda forma de opressão, reconhecendo a relevância de cada uma delas e na concomitância das ações que visam educar os seres humanos para serem livres e para a transformação de nossa realidade social. No livro “Pedagogia da Esperança”, ainda discutindo a questão anteriormente citada, Freire deixa entrever uma fagulha do que, mais tarde, denominou-se como interseccionalidade de opressões:

Há um outro aprendizado demasiado importante mas, ao mesmo tempo, demasiado difícil de ser feito, sobretudo em sociedades altamente complexas como a norte-americana. Refiro-me ao aprendizado de que a compreensão crítica das chamadas minorias de sua cultura não se esgota nas questões de raça e de sexo, mas demanda também a compreensão nela do corte de classe. Em outras palavras, o sexo só, não explica tudo. A raça só, também. A classe só, igualmente. A discriminação racial não pode, de forma alguma, ser reduzida a um problema de classe como o sexismo, por outro lado. Sem, contudo, o corte de classe, eu, pelo menos, não entendo o fenômeno da discriminação racial nem o da sexual, em sua totalidade, nem tampouco o das chamadas minorias em si mesmas. (Freire, 2005, p. 156)

Sobre este assunto Danilo Streck (2000), condizente com nossa interpretação sobre o posicionamento de Paulo Freire, afirma que “em ‘Pedagogia da Esperança’, Paulo Freire não nega o papel da luta de classes, mas lhe confere explicitamente um papel entre outros fatores geradores e promotores de mudanças. [...] Dentre os outros fatores estão o gênero e as raças” (Streck, 2000, p. 5). Apenas estes excertos já me permitiriam afirmar que Paulo Freire repudiava esses tipos de discriminação, mas em outros escritos ele foi ainda mais específico no que diz respeito à sua opinião sobre os temas tratados.

Com relação ao racismo, em “Medo e Ousadia” há a menção ao horror desta forma de opressão específica. Diz Freire (2000): “o racismo é muito forte no Brasil. Dizer que não temos racismo no Brasil ou é ingenuidade, ou esperteza, mas não é realismo” (p. 196). Posicionamento que retoma em “Pedagogia da Esperança”, no qual ele é categórico: “a brutalidade do racismo é algo com que dificilmente um mínimo de



sensibilidade humana pode conviver sem se arrepiar ou dizer que horror!” (Freire, 2005, p. 145).

No que se refere à opressão social direcionada às mulheres, em “Medo e Ousadia” Freire diz que nós, brasileiros/as, formamos “uma sociedade *machista* e não *marxista*. Para mim, racismo e machismo são expressões de autoritarismo também” (2000, p. 196, grifado no original). Mais adiante, neste mesmo livro, comentando uma entrevista na qual foi questionado sobre a luta das mulheres e que diz ter afirmado “eu também sou uma mulher”, Freire revela que

[...] tinha dito: “Eu sou uma mulher”, de uma forma muito mais forte, não para ser agradável com as mulheres, não. Nem para ser demagógico. [...] Se as mulheres forem críticas, terão que aceitar nossa contribuição como homens, assim como os trabalhadores têm que aceitar nossa contribuição como intelectuais, porque é um dever e um direito que eu tenho de participar da transformação da sociedade. Assim, se as mulheres devem ter a principal responsabilidade em sua luta, elas têm de saber que essa luta também é nossa, isto é, daqueles homens que não aceitam a posição machista no mundo. O mesmo se dá com o racismo. Enquanto homem branco, aparentemente – porque sempre digo que não tenho muita certeza da minha branquidão –, a questão é saber se eu estou, realmente, contra o racismo de forma radical. Se estou, então tenho o dever e o direito de lutar com o povo negro contra o racismo. (Freire; Shor, 2000, p. 198)

Podemos questionar os termos nos quais Freire se expressou, dizendo que as mulheres têm que aceitar a contribuição de homens, desconsiderando que há um imenso debate sobre a presença de homens nos movimentos feministas, por exemplo, e sendo essa uma decisão que cabe às mulheres, o mesmo podendo ser dito com relação à luta contra o racismo, mas também percebemos que há empatia do educador com os temas em pauta. No livro “Pedagogia da Esperança” Freire relata que considera importante o papel da reflexão sobre a opressão de gênero, mencionando que solicitará às

[...] casas editoras que superem a linguagem machista. E não se diga que este é um problema menor porque na verdade, é um problema maior. *Não se diga que, sendo o fundamental a mudança do mundo malvado, sua recriação, no sentido de fazê-la menos perverso, a discussão em torno da superação da fala machista é de menor importância, sobretudo porque mulher não é classe social. A discriminação da mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa.* (Freire, 1998, p. 35)



Neste excerto ele rebate a argumentação daqueles/as que defendem que a única opressão a ser combatida é a de classe social e destaca que a superação da linguagem sexista é uma questão maior, de fundamental importância para as pessoas de posição progressista que anseiam por um mundo melhor.

Em síntese, podemos afirmar que Paulo Freire deixou seu posicionamento bastante explícito. Ele defendeu que se vislumbre como horizonte político “a unidade na diversidade” (Freire, 2005, p. 151), ou seja, que há pontos de intersecção entre as pautas de lutas dos diversos movimentos existentes, o que possibilitaria um diálogo para a atuação conjunta de movimentos sociais visando o alcance de seus objetivos. O próprio Freire elucida a questão:

Quando digo unidade na diversidade é porque, mesmo reconhecendo que as diferenças entre pessoas, grupos, etnias, possam dificultar um trabalho em unidade, ela é possível. Mais: é necessária, considerando-se a coincidência dos objetivos por que os diferentes lutam. A igualdade nos e dos objetivos pode viabilizar a unidade na diferença. (Freire, 1995, p. 68)

Por isso, uma leitura descontextualizada do posicionamento do autor em “Cartas à Cristina”, na décima sétima carta, na qual diz que “seria muito menos difícil às chamadas minorias acertar suas arestas entre si, num exercício político diário, e lutar unidas do que, debilitadas, cada uma lutando por si, conseguir seus objetivos” (Freire, 1994, p. 220) pode gerar entendimentos distorcidos. Em momento algum Freire se diz contrário à diversidade de movimentos sociais ou defende que apenas movimentos com um viés classista são válidos. Como vimos, em sua extensa obra e em mais de uma passagem, ele reconhece a existência do racismo e da opressão de gênero como prejudiciais à libertação plena dos seres humanos.

Para finalizar essa parte do texto, a despeito do que já apresentei sobre a opinião revelada nos escritos de Freire sobre as opressões e os movimentos que incorporam a luta de gênero e raça, trazemos à tona uma leitura possível do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, ainda que ela toque apenas indiretamente na discussão feita aqui. Neste livro Freire discute o hábito que se criou de chamar professoras de tias, caracterizando esta atitude como uma clara artimanha ideológica de desvalorização da profissão, visando a transformação da professora num parente postigo que não deve abandonar seus alunos e suas alunas se engajando numa greve, por exemplo. Defende que “a tentativa de reduzir a *professora* à condição de *tia* é uma inocente armadilha



ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta” (Freire, 1997, p. 18, grifos no original). Além disso, este hábito retiraria “algo fundamental do professor: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente” (Freire, 1997, p. 9).

Apesar do título no feminino e de citar o livro de Maria Eliana Novaes, “Professora primária: mestra ou tia?” (1984), que tece uma análise importante deste hábito e o relaciona à desvalorização do trabalho feminino, falta à abordagem de Freire um olhar para a feminilização do magistério, por exemplo, como uma das causas dessa desvalorização, o que não acontece. Num outro trecho deste livro ele cita frases ouvidas num curso de formação do magistério. Diz que ouviu de muitas professoras “vim fazer o curso de magistério porque não tive outra possibilidade” e, de outras, que “tinham optado pelo curso de formação do magistério para, enquanto o faziam, esperar, comodamente por um casamento” (Freire, 1997, p. 32), mas novamente não problematiza o lugar social a partir do qual estas mulheres falam.

Em “Professora sim, tia não”, o autor constrói sua argumentação defendendo que não devemos nos deixar levar pelo “parentesco postiço” ou que a educação “não deve ser uma marquise sob a qual esperamos a chuva passar” (p. 32), mas em nenhum momento destaca que tais situações ocorrem por causa da desvalorização da mulher professora no mercado de trabalho. Assim sendo, consideramos que se caracteriza neste livro uma espécie de *daltonismo* no que se refere à divisão sexual do trabalho, no geral, e especificamente no que tange à desvalorização do trabalho feminino no modo de produção capitalista.

PAULO FREIRE E BELL HOOKS

Acredito que hooks está entre as pessoas que melhor enxergaram as chaves para um entendimento interseccional da obra de Freire. Escritora, professora do City College em Nova York, feminista e intelectual negra, com uma grande produção acadêmica preocupada com o feminismo negro, a autora comenta que encontrou em Paulo Freire “um mentor e um guia” (Hooks, 2013, p. 15). Seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (1994), título bastante sugestivo no que se refere à proximidade intencional de sua perspectiva pedagógica e de militância às de Paulo



Freire, será amplamente citado por ser bastante explícito sobre a relevância de Paulo Freire para esta autora.

Além de mencionar diversas vezes o educador brasileiro, reafirmando a importância que seus ensinamentos tiveram para ela, a autora dedica todo um capítulo do livro citado para comentar a influência de Freire em sua obra e também em sua atuação como professora e militante. No capítulo dedicado ao educador brasileiro, hooks debate conceitos como conscientização, educação bancária, educação como prática da liberdade, a importância da coerência entre o discurso e a prática, entre outros, e se refere a eles como munção teórica para sua militância e atuação político-profissional.

Nesta breve contextualização vamos nos ater a este capítulo dedicado à Paulo Freire, tendo em vista que todas as outras vezes nas quais cita o educador fora deste tópico hooks o faz para reafirmar a importância de Freire como referência para ela. O capítulo 4, intitulado Paulo Freire, é iniciado desta maneira:

Este é um diálogo lúdico em que eu, Gloria Watkins, converso com bell hooks, minha voz de escritora. Quis conversar sobre Paulo e sua obra deste jeito porque ele me proporciona uma intimidade – uma familiaridade – que não me parece possível alcançar na forma de ensaio. E aqui encontrei um modo de partilhar a doçura, a solidariedade sobre a qual falo. (Hooks, 2013, p. 65)

Percebemos, já de início, que Paulo Freire inspira a autora a modificações, a mudanças formais. Ela cita muitos autores e autoras em seus ensaios, mas para falar de Paulo Freire recorre a maneiras menos frias, menos de apreciação acadêmica, e o faz de forma a proporcionar a sensação de familiaridade, de diálogo, recurso amplamente utilizado pelo próprio Paulo Freire⁵. Em seguida, num trecho de suma importância para esta contextualização, hooks nos conta em quais circunstâncias conheceu Paulo Freire pessoalmente:

Há alguns anos, Paulo foi convidado a vir à Universidade de Santa Cruz, onde eu então estudava e dava aula. [...] Eu não tinha ouvido sequer um rumor de que ele estava vindo, embora muita gente soubesse o quanto o trabalho dele significava para mim. [...] No diálogo que se seguiu, me disseram que eu não havia sido convidada para os encontros por medo de que, levantando críticas feministas, eu atrapalhasse a discussão de questões mais importantes. Embora me tenham deixado participar [...] isso criou uma guerra dentro de mim, pois eu

⁵ Recurso utilizado em “Medo e Ousadia” (1987), “Por uma pedagogia da pergunta” (1985), entre outros.



de fato queria interrogar Paulo Freire pessoalmente sobre o sexismo em sua obra. Então, com cortesia, eu tomei a iniciativa na reunião. No mesmo instante em que certas pessoas falaram contra o fato de eu levantar essas questões e desvalorizaram sua importância, Paulo interveio para dizer que essas questões eram cruciais e as respondeu. (Hooks, 2013, p. 78)

O posicionamento do educador brasileiro foi para esta mulher, comprometida com a educação como prática da liberdade e cuja presença foi tida como indesejada porque poderia criar embaraços, uma prova de que Freire vivenciava sua pedagogia, pois “ele exemplificou com atos os princípios de sua obra” (Hooks, 2013, p. 78). Ao se referir ao sexismo na obra daquele que aponta como seu mentor, ela diz:

[...] é difícil para mim falar sobre o sexismo na obra de Freire; é difícil encontrar uma linguagem que permita estruturar uma crítica e ao mesmo tempo continue reconhecendo tudo o que é valioso e respeitado na obra. [...] O sexismo de Freire é indicado pela linguagem de suas primeiras obras, apesar de tantas coisas continuarem libertadoras. Não é preciso pedir desculpas pelo sexismo. O próprio modelo de pedagogia crítica de Freire acolhe o questionamento crítico desta falha na obra. Mas questionamento crítico não é o mesmo que rejeição. (Hooks, 2013, p. 70)

O posicionamento de bell hooks nos faz perceber que ela reconhece que Paulo Freire apresentava uma prática condizente com a pedagogia que propunha e que tal linguagem sexista, ainda que passível de críticas, não interferiu na transmissão de sua mensagem libertadora. Ela relata ainda que, no processo de se constituir enquanto mulher negra, duplamente discriminada na sociedade norte-americana,

[...] foram educadores como Freire que afirmaram que as dificuldades que eu tinha com o sistema de educação bancária, com uma educação que nada tinha a ver com a minha realidade social, eram uma crítica importante. [...] quero dizer que me senti incluída em Pedagogia do Oprimido, um dos primeiros livros que li, muito mais do que me senti incluída – em minha experiência de pessoa negra de origem rural – nos primeiros livros feministas que li, [...] visto que tantos dos primeiros livros feministas refletiam um certo tipo de sensibilidade burguesa branca, essas obras não tocaram profundamente muitas mulheres negras. (Hooks, 2013: p. 73)

Reconhecendo a complexidade dos processos de formação identitária hooks, que se nomeia militante de um feminismo negro, conta o quanto a leitura de Freire, mesmo abordando a opressão no masculino genérico, impactou sua leitura de mundo, mais do que a leitura de mulheres que, feministas como ela, não tinham uma preocupação com a experiência específica das mulheres negras e pobres. Dessa forma, a autora reconhece



que “mais que na obra de muitas pensadoras feministas burguesas brancas, na obra de Paulo havia o reconhecimento da subjetividade dos menos privilegiados, dos que têm de carregar a maior parte do peso das forças opressoras” (Hooks, 2013, p. 80). Há a retomada desta situação num outro excerto

A lição que aprendi vendo Freire incorporar na prática aquilo que descreve na teoria foi profunda. Entrou em mim e me tocou de um jeito que nenhum escrito poderia tocar e me deu coragem. [...] A presença de Freire me inspirou. Não que eu não visse um comportamento sexista da parte dele; mas essas contradições são abraçadas como parte do processo de aprendizado. (Hooks, 2013, p. 80)

Essas considerações são importantes para que percebamos o alcance da mensagem libertadora de Freire. Hooks, mulher negra, militante, expressa toda sua admiração pela postura do educador e, ainda que leve em consideração posturas sexistas de Freire, realça que seus ensinamentos transcendem estas questões. Neste sentido, a leitura do livro de hooks me ajudou a traçar a linha argumentativa buscada neste artigo, uma tentativa de valorizar as inúmeras contribuições de Freire à educação enquanto prática da liberdade e, ao mesmo tempo, apontar lacunas e tecer críticas aos seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire, em sua extensa produção bibliográfica, reservou algumas linhas para externalizar sua compreensão sobre temas diversos instigado, principalmente, pelos questionamentos de seus leitores e leitoras. Como podemos perceber, entre tais questionamentos figuraram críticas a Freire, educador comprometido de corpo e alma com a educação e a superação de toda forma de opressão, encarou-as como oportunidades de aprender e aperfeiçoar sua busca pela libertação integral do ser humano. Por meio de suas ações ele validou seu discurso que considera o ser humano como histórico – e por isso incompleto – num complexo processo de aprendizagem que nos acompanha ao longo da vida.

Os trechos mencionados neste trabalho nos trazem o reconhecimento de Paulo Freire sobre o machismo e o racismo que grassam a sociedade brasileira. Seu posicionamento nos revela o discernimento e o reconhecimento das formas específicas de opressão, que atingem as pessoas de diferentes formas, não se limitando à questão da



classe a que pertencem. Paulo Freire, conforme defendemos neste texto, afirma a importância da luta de classes, mas a localiza como concomitante à luta pelos demais tipos de libertação. Tal opinião se destaca no trecho debatido do livro “Medo e Ousadia”, quando defende que a revolução, por si só, não trará o respeito irrestrito a todos e todas. Exploramos, entretanto, em “Professora sim, tia não”, a questão da ausência de um olhar para a especificidade das mulheres no mercado de trabalho num contexto de desvalorização da mão de obra e das funções tipicamente femininas.

Neste sentido, foi interessante destacar a obra de bell hooks, feminista afro-americana altamente comprometida com uma educação emancipadora, pois suas palavras nos dão a ideia da relevância da produção do educador brasileiro e mais, da importância da mensagem libertadora transmitida, a despeito da linguagem sexista utilizada por ele em seus primeiros escritos e ainda que não conste em sua obra menções às especificidades das mulheres negras enquanto grupo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Editora Olhos D’água, 1995.

_____, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olhos D’água, 1997.

_____, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 8ª edição.

_____, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 8ª edição.

_____, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 12ª edição.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 34, n. 121, Apr. 2004.

STRECK, Danilo R.. Pedagogia no encontro de tempos: o moderno e o pós-moderno em Paulo Freire a partir de algumas metáforas. *Revista Educação (UFSM)*. V. 25, n. 1, jan./jun. 2000.

Recebido em outubro de 2016
Aprovado em janeiro de 2017